

# CARTOGRAFIA QUE CAMINHA

## transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina

Evandro Fiorin <sup>1</sup>

Maria Jose Luluaga Medici <sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho busca constituir um processo de legibilidade das atuais conformações urbanas. Assim, nos aventuramos em um arquipélago de cidades dentro da cidade, para compreender as tensões e códigos individuais dos seus lugares múltiplos. Andamos a esmo por entre intermezzos da urbe, afim de reconstruir algum tipo de intelecção provisional. Vamos além do conhecido, nos perdemos pelos espaços dos seus territórios, como uma forma de vivenciar por nós mesmos os trajetos, na suas intensidades e seus devires. Um sentido que recupera as lições da flânerie, mas também, busca no caminhar como prática estética, um exercício de compreensão urbana para experimentar as suas realidades e, assim, revelar retratos inacabados que se produzem pelo meio da rua. De tal sorte, propomos como uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina, cartografias criadas pelo caminhar investigativo e perspicaz, como uma tentativa de percepção das imagens que nos atravessam e que atravessamos, por entre algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

Palavras-chave: percepção, cidade, cartografia.

# WALKING CARTOGRAPHY

## transurbanograms of Santa Catarina Island

### Abstract

This paper seeks to constitute a readability process of the current urban conformations. So we venture into an archipelago of cities within the city to understand the individual tensions and codes of their multiple places. We wandered among the city, in order to reconstruct some kind of provisional intellection. We go beyond what is notorious, and we get lost through the spaces of their territories, as a way of experiencing for ourselves the paths, in their intensities and their becomings. A sense that recovers the lessons of flânerie, but also seeks to walk as an aesthetic practice, an exercise of urban understanding to experience its realities and thus reveal unfinished portraits that take place in the middle of the street. Thus, we propose as a possibility of reading Santa Catarina Island, cartographies created by the investigative and insightful walk, as an attempt to perceive the images that cross us and that we cross, among some of the ways of passage of the island portion of Florianópolis.

Keywords: perception, city, cartographies.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil.

<sup>2</sup> Universidad Nacional de San Juan / Argentina

### O Caminhar Investigativo e Perspicaz

A cidade de Paris do século XIX é especialmente descrita pela proliferação dos artigos de luxo, pelo espetáculo dos panoramas, pelo surgimento dos novos tipos de edifício: os magazines de departamentos, as gares, as passagens parisienses e a vida noturna nos grandes bulevares. Na capital francesa, as estações e pavilhões de ferro e vidro, as galerias e os seus interiores, bem como, a profusão da cidade haussmanniana, são a realização de um mundo de sonhos para o delírio coletivo. Uma atmosfera inebriante que vai rarefazer a capacidade de experiência crítica dos sujeitos que frequentam esses novos lugares urbanos oriundos do advento da mecanização. Nessa dimensão, a percepção da coletividade manter-se-á sob um sono profundo, porque o sonhador na multidão, através do seu corpo, realiza uma viagem macroscópica, segundo a qual, o frenesi do espaço circundante e as sensações dos seus órgãos internos geram apenas meras imagens delirantes da cidade, as fantasmagorias (BENJAMIN, 1986, p. 509).

Nesse sentido, Walter Benjamin, em sua proposta teórico-política contava com a força explosiva das imagens dialéticas, as quais poderiam justapor, ao mesmo tempo, o passado e o presente, para tentar tirar as pessoas desse estado de torpor e sonho. Aos pobres de argúcia perceptiva defendia uma possibilidade de retorno a um estado de selvageria, para que pudessem despertar dessa letargia que estava contida na profusão do mundo enfeitado pelas mercadorias. Perante a vivência cotidiana saturada de fantasmagorias, restava a estes indivíduos reagir aos estímulos complacentes do consumo visual, através da experiência de choque, na tentativa de deixar de viver a cidade como mera representação. Sendo assim, de algum modo é importante ressaltar que: “[...] ao refazer o caminho das imagens até sua origem [...] seria possível um [...] despertar do sonho com conhecimento histórico suficiente para interpretá-los como um pesadelo” (BUCK-MORSS, 1990, p. 25).

Nesse contexto, o flâneur era aquele que tinha a consciência das mudanças em curso e, embora o seu olhar fosse de distanciamento, seguia tal como um detetive na cidade (BENJAMIN, 1989, p. 219). E, conhecendo-a como ninguém, por ela flanava como um observador que a sentia e compreendia as pistas das suas recentes transformações. Um trânsito dialético, entre o passado e o presente, da época de Charles Baudelaire. Em flânerie experimentava a cidade sem que fosse parte da mesma multidão alucinada pelo desejo das mercadorias ou, pelo acúmulo de capital ensejado pelos burgueses. Vagabundeando pela rua era capaz de manter, então, um caminhar investigativo e perspicaz, muito atento aos novos acontecimentos oriundos dos fenômenos da modernidade e às reminiscências dos diversos tempos, mantendo uma experiência sensível e, em alguma medida, inteligível para a sua própria cognição histórica.

Uma estratégia de percepção urbana, que tem relação com uma ideia de perder tempo vagando sem qualquer objetivo. Dito de outro modo, a expressão italiana “andare a Zonzo” lembrada pelo arquiteto Francesco Careri, recupera a experiência da cidade passeada pelos flâneurs. No entanto, o simples caminhar atento, já não nos torna suficientemente hábeis para compreender a cidade tal como hoje se apresenta. Não tratamos mais de percorrer àquela cidade moderna, cuja imagem estava contida na relação centro-periferia, ou passível de ser reconhecida apenas pelas novas imagens produzidas pelo consumo conspícuo, frente às ruínas do passado. No tempo em que vivemos, passado e presente são continuamente renovados e as conformações urbanas se configuram por manchas vazias dentro da cidade e machas cheias no meio do campo, nem centros ou periferias, mas uma espécie de pele de leopardo (CARERI, 2013, p. 162-163), como nos atesta o líder do grupo Stalker, ao rumar para os confins de Roma, em 1995.

O negativo da cidade, segundo Careri (2017, p. 15-16), pode ser descrito como: a única floresta onde ainda é possível perder-se, um território híbrido entre cidade e campo, onde a natureza ainda tem a possibilidade de evoluir em formas não previstas, de produzir espaços tênues, em equilíbrio instável, cuja única forma de cuidado é o abandono. Conhecê-los, percebê-los em seu devir, representá-los em defini-los, graças à representação involuntária, esse foi o sentido da nossa viagem.

Uma metamorfose que não diz respeito apenas aos revezes de uma organização racionalista da cidade, mas ao avanço do projeto capitalista de urbanização do último século, que fez ruir os tradicionais limites entre rural e urbano. Desenvolvimento que trouxe consigo a incapacidade de discernir a cidade como limitada ou contida, com uma forma coesa e contínua, tornando-a coisa desconfinada, difusa e fragmentada. De tal maneira que, passou a ser um campo de forças instável, configurado por novas mobilidades e espacialidades. Conformação urbana espraiada dimensionada, por diversas zonas em que tudo se mistura. Nessa leitura, o que era um plano foi retorcido, corrugado, estilhaçado e, assim, passou a ser mancha.

Domingues (2009, p. 17) assim a define: territórios imensos facilitando um processo de colonização urbana onde o edificado se conecta diretamente com a estrada. Ao contrário da cidade, o território urbano é um exterior, uma nebulosa, uma mancha extensiva e diversa onde tudo se mistura em densidade formal e funcional.

Diante dessa condição borrada estão dispersas as peças de um novo puzzle, que ainda está por ser montado. Quiçá, seja possível encontrar o fio da meada. Nessa compreensão, estas zonas são quebra-cabeças cujos encaixes se perderam e não mais podem ser encaixados da maneira tradicional. Ledo engano imaginar que sejam um tangram de formas geométricas puristas. São territórios fractais, cuja a observação não pode mais se dar pelo ponto de vista da perspectiva unidirecional. Agora é preciso aventurar-se num arquipélago de cidades dentro da cidade, para compreender as suas tensões e códigos individuais em seus lugares múltiplos. Andar a esmo por entre os intermezzos da urbe, afim de tentar reconstruir algum tipo de inteligência provisional. Ir além dos limites conhecidos, se perdendo pelos espaços dos territórios atuais, como uma forma de vivenciar por nós mesmos os trajetos, na suas intensidades e devires.

Um sentido que recupera lições do detetive de Walter Benjamin, mas também, busca na prática do caminhar do arquiteto Francesco Careri, um exercício de compreensão urbana, porque tende a se aproximar dos lugares urbanos experimentando as suas realidades, lançando mão, também, da tática de legibilidade do geógrafo português Álvaro Domingues, nos retratos inacabados que produz de lugares à beira da estrada. De tal sorte, propomos como uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina, cartografias produzidas pelo caminhar investigativo e perspicaz, na tentativa de percepção das imagens que nos atravessam, em algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

### Uma Cartografia que Caminha

Como nos ensina Benjamin (1921, p. 101), se toda a tradução, em primeiro lugar, é uma forma, a traduzibilidade da cidade atual, ao contrário de uma representação coesa e contínua, deve ir em busca da sua própria essência de mudança e

transformação. Desse ponto de vista, se toda tradução é sempre um outro, ela não pode, simplesmente, apresentar o original nas suas multifacetadas visões. Subtende um olhar reflexivo, que é também da imaginação e da criação. Preserva um parentesco, produz o estranhamento, traduz o intraduzível e, vai em busca do eco experiencial para fazer sempre nascer o novo em diferentes aspectos.

Uma correspondência que abre lacunas para que a subjetividade aflore como *modus operandi* para a legibilidade do lugar. Dependente do repertório, posição e condições que nos são dadas pelas variantes do contexto. Toda a representação, como uma cognição que vai além do próprio olhar é primordialmente relacional e se atrita com o espaço produzindo consensos, mas também dissensos. De tal sorte, o sentido do urbanismo da deriva, atualizado como transurbância por Careri (2013, p. 155), busca desmentir toda imagem urbana decantada, nos auxiliando, assim, no reconhecimento pela alteridade e desafio, no sentido da compreensão de uma cidade menos espetacular e mais experimental.

O olhar de cunho fenomenológico, que é baseado na experiência do espaço para além das suas aparências, também nos é muito caro, pois vai em busca das experiências originárias da cidade e, não se alinha com uma simples distinção entre forma e conteúdo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 334). Desse modo, não nos interessa mais, a tradicional ordem que marcou uma interpretação clássica do espaço das cidades. Nos movemos nas conformações urbanas contemporâneas sob novas atmosferas, em trajetórias múltiplas e flutuantes, quase sempre instauradas por sistemas urbanos versáteis e não-lineares, cujas traduções primam por configurar disposições abertas à individualidade e à diversidade (GAUSA, 2010, p. 220).

Nesse sentido, propomos aqui uma interpretação possível da Ilha de Santa Catarina, baseada em uma percepção dos seus espaços mais fugidios. Os grafites que encontramos perambulando sem rumo, pela porção insular de Florianópolis, não por acaso, se inscrevem por todos os seus cantos, contando uma outra história, não oficial, em alguns lugares marcadamente dissonantes. São coletados em imagens de um percurso errante e, resultam, também, em uma representação interpretativa de cunho pessoal. Experiência que se dá em diversos tempos, cujo espaço não se pretende mensurar, já que é existencial (PALLASMA, 2018, p. 23) e, portanto, difere do físico e, também, do geográfico. Uma prática experimental, porque implica em certa desregulamentação científica, se levarmos em conta a ciência empírica ocidental, já que busca trazer à tona as nossas vivências, derivando, também, de um processo de subjetivação. Este que se traduz num mapa, como uma experimentação baseada na realidade.

Não se trata de rememorar a cidade do passado, ou de descrever a urbe, mas de interpretar por entre seus territórios atuais, os espaços cambiantes, baseado em uma experiência singularizada. Nesse sentido, tratamos de captar por meio de imagens, alguns retratos inacabados à beira das principais vias da cidade, daqueles lugares concretos que nos conduzem a um desvio, por suas imagens dialéticas, capazes de ativar uma outra cognição estético-experiencial. Podem aqui ser revelados pelos grafites dos camaleões produzidos pelo artista plástico Rizzo. Ao mesmo tempo, produzimos os cartogramas desse caminho pela porção insular de Florianópolis, de acordo com uma terminologia antropológico artística, in situ e cartográfica.

De acordo com Costa (2010, p. 39):

En el arte in situ, o site specific, el artista interviene en un lugar concreto para desde allí ahondar en otros estratos, quizá, no inmediatamente visibles, que contribuyen a construir el espesor de

significados del lugar en cuestión y su contexto. El trabajo cartográfico es, ante todo, un esfuerzo por describir una complejidad existente, a partir del concepto de que, al poder transcribir esta complejidad a un sistema de signos, ya se está incidiendo en ella, ya se está construyendo una nueva realidad.

Uma cartografia que caminha para propiciar entrecruzamentos de distintas realidades provindas de uma experiência nos espaços moventes das conformações urbanas contemporâneas da Ilha de Santa Catarina. Um mapa que marca as mudanças dos lugares, mas também nos marca como nômades. Grafite que se camufla na ruína, no muro e na esquina ou, simples trajetória da prática do caminhar investigativo. Ambas são mediações artísticas. A primeira faz compreender o lugar de maneira dialética, o espaço de extroversão; a segunda, um diagrama feito de caminhos, uma construção reflexiva, aberta e desmontável.

Segundo Porras-Ysla, os mapas (2010, p. 66):

serão abertos, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber constantemente modificações, como o meio ou a arquitetura que o modelam. Arquiteturas como diagramas, como plasma-ação de ideias, sucessos ou relações. Nos interessam as cartografias, os diagramas como instrumentos conceituais, mais que como descrições formais.

Nessa multiplicidade, a tradução da ilha ganha a sua autonomia criadora. O trajeto adquire suas linhas erráticas pela subjetividade daqueles que estão no percurso e dos que se produz em seu meio. A cartografia passa a exprimir simultaneamente percurso e percorrido. “Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento” (DELEUZE, 1997, p. 73). E, assim, trajetos, territórios e suas traduções abrem passagem para as experiências de reconhecimento urbano contemporâneas, o que chamamos aqui de: transurbanogramas. Constelação de afetos que está subentendida no lugar, no percurso e na cartografia, ao mesmo tempo em que faz com que um complemento o outro, subjaz um intenso devir.

### Transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina

A porção insular da cidade de Florianópolis teve a urbanização marcadamente influenciada pela colonização portuguesa, a qual ainda guarda os traços do seu passado no centro histórico, com seus antigos palacetes, prédios públicos e casario, também presentes no centro expandido e em outros núcleos urbanos da porção insular, tais como: Santo Antônio de Lisboa, a costa da Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha, dentre outros. Bairros que preservam muito da organização espacial de outrora, com suas ruelas estreitas e igrejas centenárias, bem como, os costumes dos açorianos, negros e índios (CABRAL, 1994).

Ao mesmo tempo, a sede de exploração das áreas litorâneas para o turismo e criação de lugares de distinção, pulverizou a cidade em locais cada vez mais isolados, aumentando seu tráfego de veículos e demandando, diariamente, o seu truncado sistema viário – limitado pela geografia insular. Nesse contexto, Jurerê Internacional pode ser lido como um exemplo emblemático das contradições presentes no atual modelo de desenvolvimento urbano de Florianópolis. Na parte norte da ilha, visava atender a um *padrão internacional de urbanização*, com suas mansões cinematográficas sem muros, localizadas em uma antiga região de pescadores artesanais, como descreve Pimenta (2005, p. 111).

Com as praias mais badaladas do litoral sul do Brasil, reservas e unidades de conservação do bioma marinho costeiro, muitas problemáticas devem ser constantemente enfrentadas para um crescimento sustentável da cidade de Florianópolis, bem como, para uma preservação de suas paisagens e ocupação do seu território com responsabilidade ambiental. Ecossistemas variados, desde mangues, dunas às restingas, que guardam sítios pré-históricos sambaquis e ainda são a fonte de extração de sustento para muitas famílias, a despeito do avanço do mercado imobiliário e turismo. Diante desse dilema, a ilha deve ser lida sob esse seu contexto múltiplo, polivalente, multifacetado por tempos históricos e suas tradições diversas. Arquipélago de cidades, diante do caleidoscópio de culturas e atividades que se sobrepõem num terreno de trilhas e de asfalto, que se entrelaçam por entre as rendas de bilro e as redes de pesca, em uma complexa trama cambiante que, muitas vezes, é conflitante (YUNES, 2012, p. 124).

Nos *intermezzos* desse tecido, por entre as ruínas do patrimônio histórico (figura 01), casas abandonadas nas esquinas (figura 02), muros de terrenos vagos (figura 03), porosidades que desafiam as fronteiras entre o público e o privado, é por onde podemos penetrar para experimentar o dentro e o fora da cidade. São nesses entremeios, por entre cheios e vazios, que os grafites se inscrevem como um desafio à ordem estabelecida. Se fundem ao passado e rechaçam o presente, pontos de inflexão, onde a cidade aparece como um constructo de camadas sobrepostas. Zonas híbridas, com suas próprias temporalidades. Onde os espaços opacos são trazidos à luz.

À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização, opõe-se a maior parte da aglomeração onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços opacos que, também, aparecem como zonas de resistência, das quais nos fala Milton Santos (1994, p. 39).

Essas áreas, são capazes de potencializar um rico exame, através da mobilidade ativa entre o ser humano e o lugar. A partir delas surgem as cartografias que se constroem nos vieses desse meio, em uma experiência que se utiliza dos próprios sentidos, para a produção de uma inteligência sobre o espaço. Assim, o simples ato de errar, pode produzir as inscrições sígnicas em um deixar-se levar pelas solicitações do território, fazendo surgir leituras de outras cidades possíveis dentro da cidade, revelando dinâmicas ocultas, estranhamentos, choques, despertando visões críticas, através do caminhar como instrumento cognitivo.

O que propomos é uma reflexão crítica criadora que pode fazer surgir, num novo jogo relacional de significações, um processo de entendimento do espaço que se dê pela subjetivação. Algumas traduções poéticas, sem uma codificação definida, já que produzida pelo trânsito entre-lugares. O resultado da construção de analogias, de maneira a recompor de modo diagramático e sempre em tensão, o lugar que informa. Busca o sentido de uma nova cartografia que não é mais cópia ou representação mimetizada do real, mas a possibilidade do fazer-ver sensível, revelado por seu carácter artístico, mas, também, projetual. Apontamento singular, que expressa qualidades relacionais para uma percepção urbana sempre em movimento.

Nesse sentido, os transurbanogramas<sup>3</sup>, aqui produzimos sobre a Ilha de Santa

<sup>3</sup> Transurbanograma é uma conjunção de palavras derivadas do latim: o prefixo trans- significa: atra-

Figura 01: Ruína da Chácara Gonzaga, centro expandido Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Figura 02: Casa abandonada em esquina no centro de Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Figura 03: Muro em terreno vago, em área central de Florianópolis. Fonte: dos autores, 2018.



Catarina, são nossas experiências de reconhecimento urbano, construídas pelos deslocamentos feitos na sua porção insular. São, também, produto do enredamento de nós, os espaços opacos que foram grafitados pelo artista plástico Rizzo. Francamente, assimilam noções defendidas por Deleuze & Guattari (1995), como uma tentativa de mapeamento da situação urbana, pela ativação de linhas de fuga. Assim, esses cartogramas devem ser entendidos como uma hipótese falível, em um processo inconcluso, de infinitas outras traduções possíveis dos seus territórios pelos trajetos realizados.

De acordo com Deleuze & Guattari (1995, p. 32): oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.

### Ponto, Linha, Ilha

Paradas, lugares chave, espaços opacos, as marcas perceptivas no mapa. Os pontos são como uma pulsão lampejante, uma imagem instantânea. Ao mesmo tempo que chegamos a eles, eles chegam até nós. Tem cor, textura e uma leitura cambiante passível de mudar, porque sempre podem ser novamente repontuados, como um projeto indeterminado. Os pontos fazem parte de um mapa mental, são momentos, mas sobretudo, terrenos desconhecidos. É difícil pintá-los de um mesmo tamanho ou cor, já que sempre são diferentes e nunca seriam eles mesmos, de fato, em sua representação. Cada ponto é, portanto, uma possibilidade de percepção da cidade, a parada do ônibus, a ruína, o muro, a esquina e a praia. Chegamos a esses pontos sem aviso prévio e sem qualquer pré-concepção. Os pontos podem ter muitos significados, porque nos marcam, como manchas (figura 04).

As linhas são caminhos formados pelos trajetos. Uma construção imagética dos percursos. Elas podem ser definidas ou indefinidas e, nesses termos, não tem começo ou fim. Constroem uma trama dos fluxos. Caminhando sozinhos, caminhando acompanhados, fazendo uso de transporte motorizado, nos seus tempos lentos de congestionamento do tráfego, ou de modo acelerado. As linhas se inscrevem como mapeamentos cambiantes dos traslados que fazemos por entre o território da Ilha de Santa Catarina (figura 05).

A ilha não é uma leitura unitária da cidade: porção de terra rodeada por mar de todos os lados. Em seus meandros de cheios e vazios podem ser constituídas múltiplas interpretações. A cada novo deslocamento, um arquipélago de cidades. Um processo de reconstrução do olhar pelo caminhar (figura 06); a cada cartografia um novo camaleão (figura 07 e 08).

vés; urbanus, significa: pertencente à cidade; e gramma, significa: qualquer signo escrito.

Figura 04: Transurbanogramas – pontos: marcas perceptivas sobre a ilha . Fonte: dos autores, 2018.

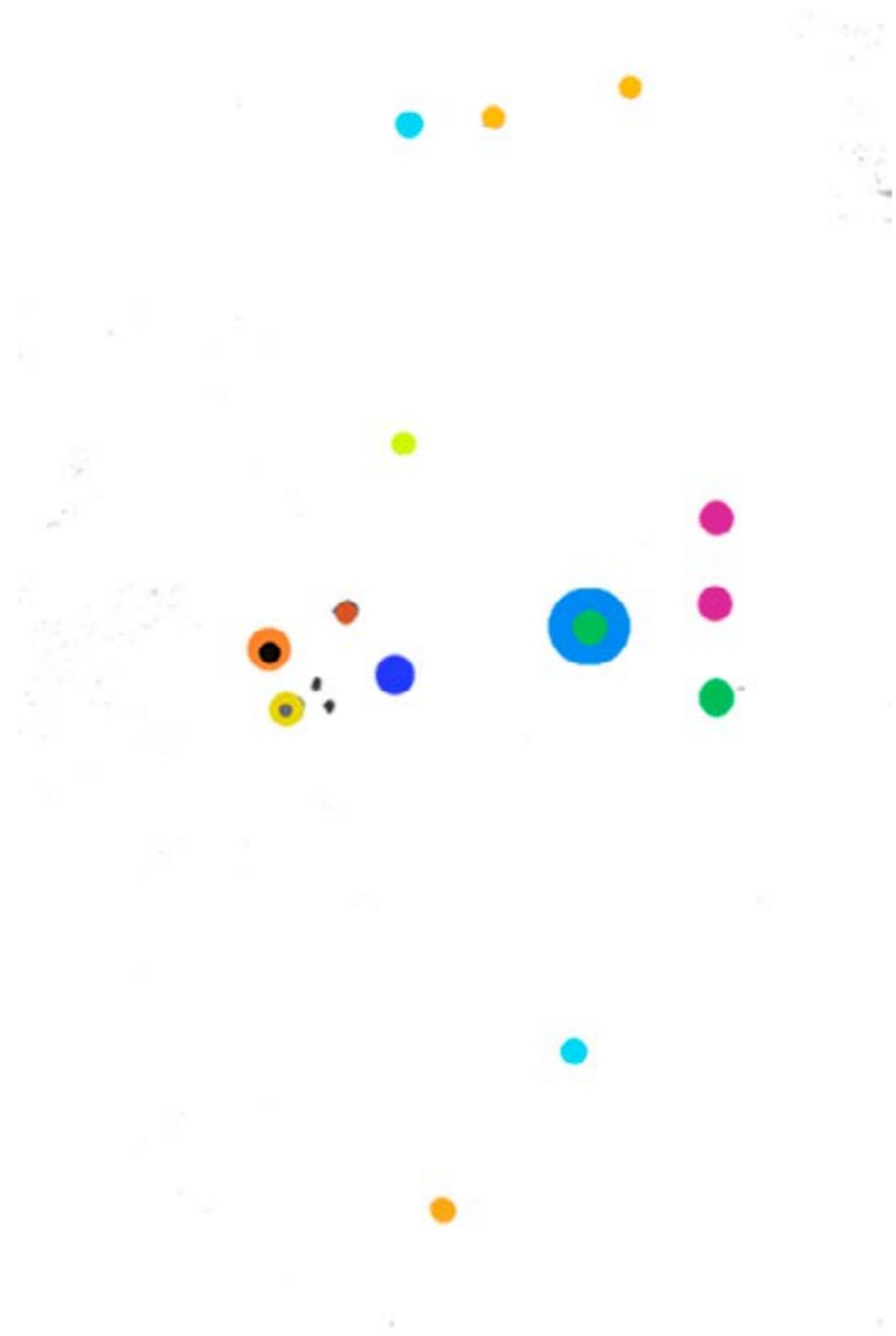


Figura 05: Transurbanogramas – linhas: trajetos sobre a ilha. Fonte: autores, 2018.

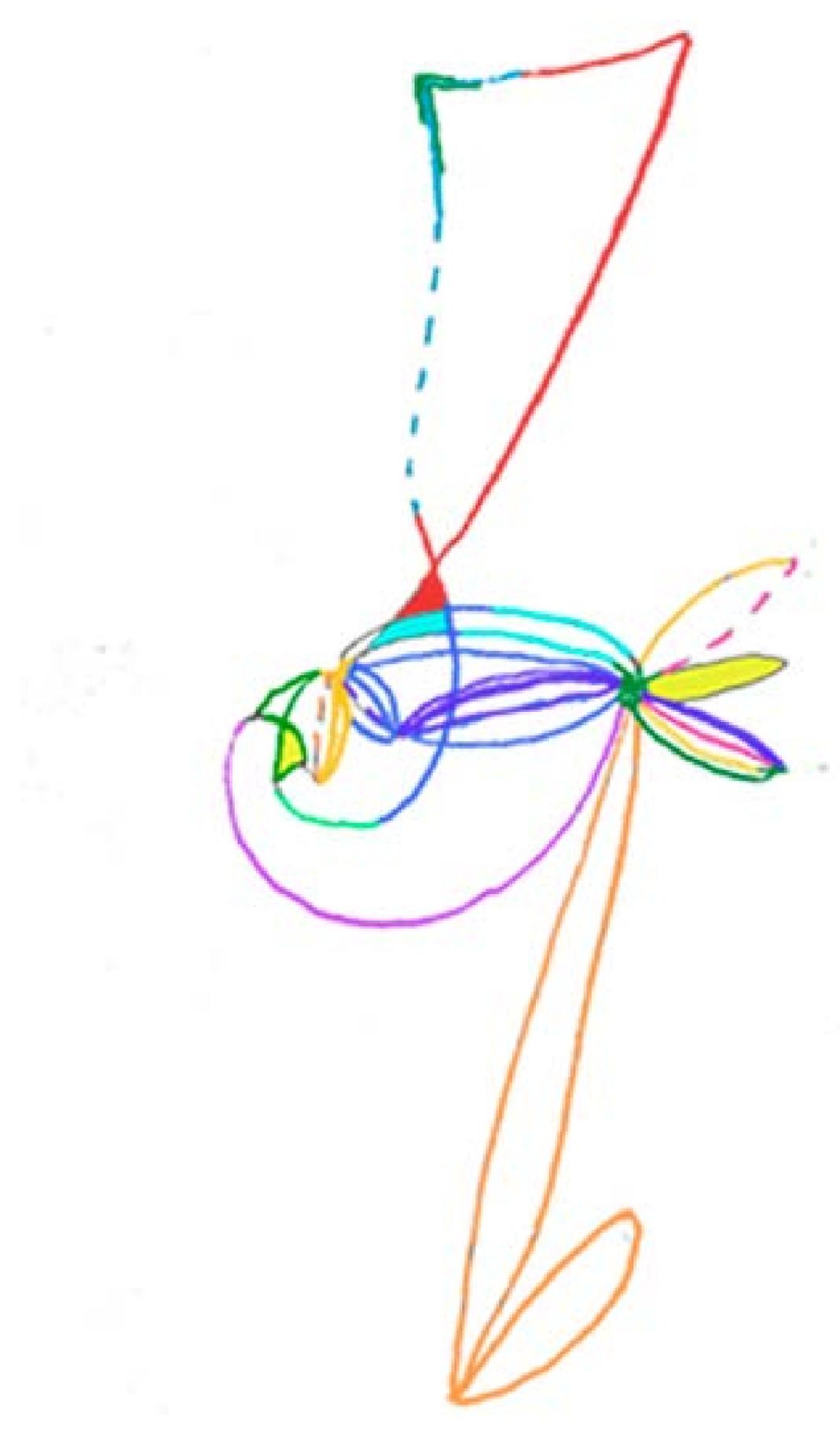


Figura 06: Transurbanogramas – a ilha e o processo de construção dos cartogramas. Fonte: dos autores, 2018.

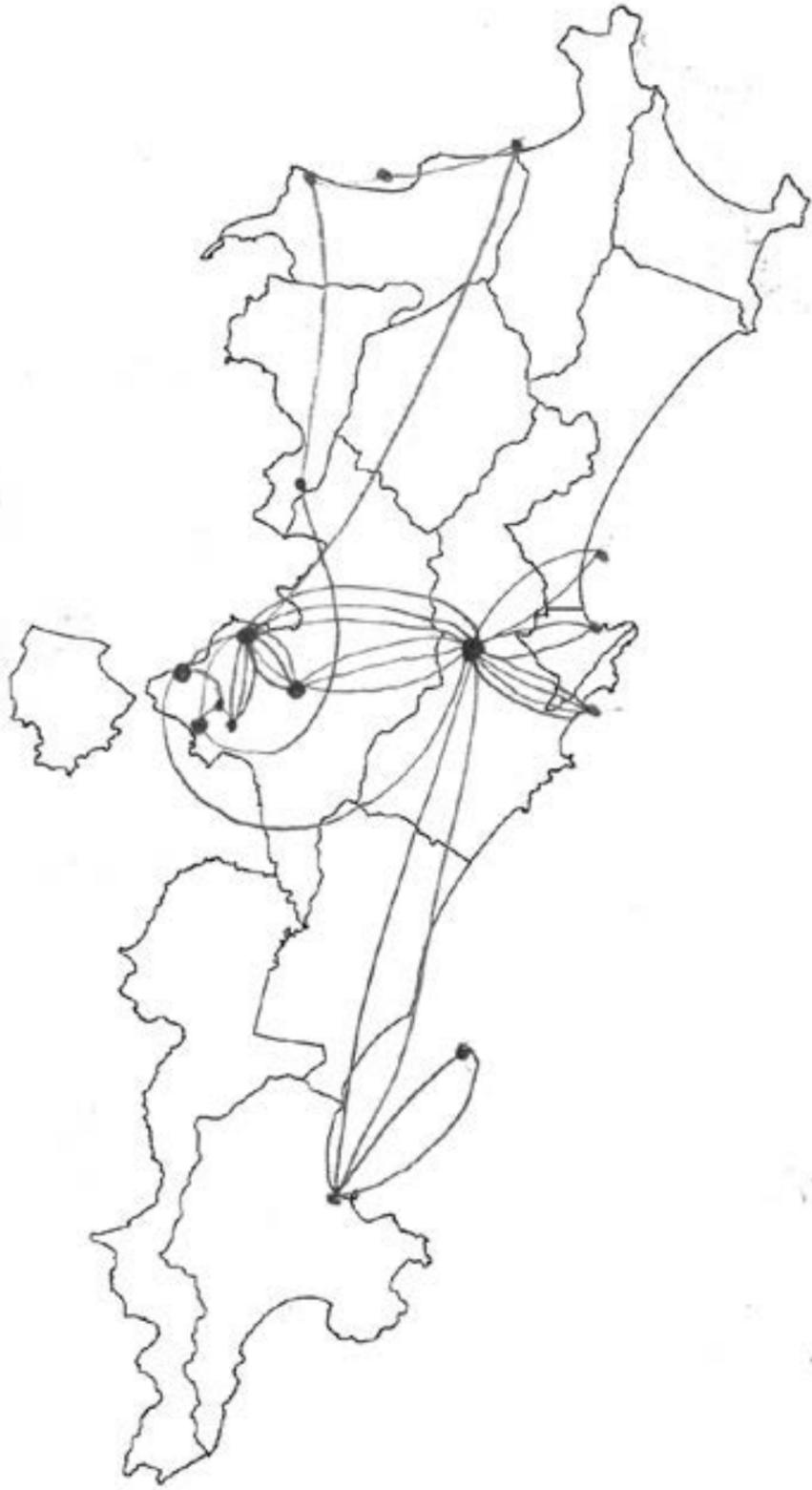


Figura 07: Transurbanogramas da ilha de Santa Catarina: cartografia que caminha. Fonte: autores, 2018.

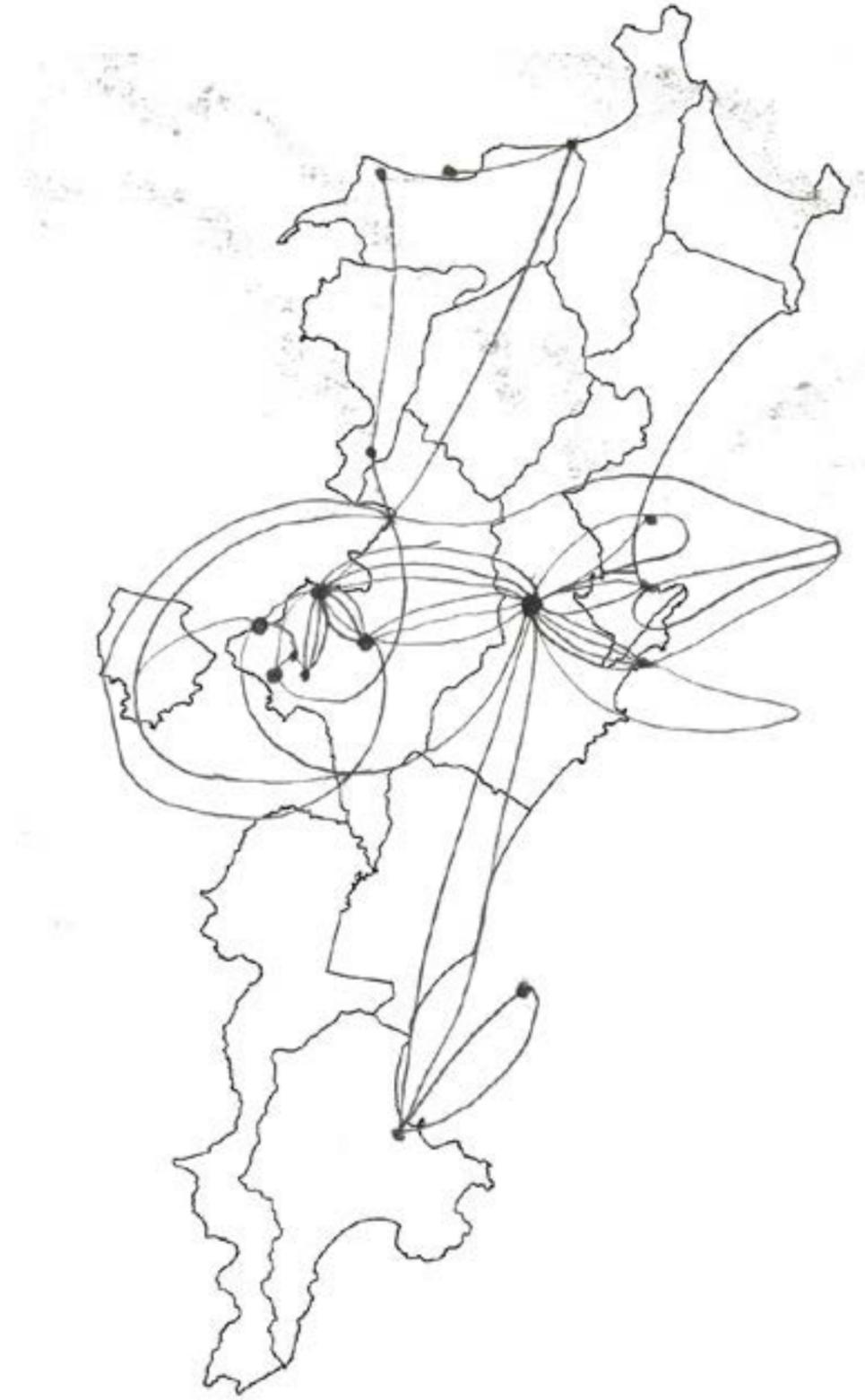


Figura 08: Cartografia artística produzida pelo caminhar em busca do camaleão na ilha. Fonte: autores, 2018.



## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor (1921). In: GAGNEBIN, J. M. (org.). *Escritos sobre Mito e Linguagem*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2011, pp. 101-119.
- BENJAMIN, Walter. *Parigi Capitale del XIX Secolo*. Torino: Giulio Einaudi, 1986.
- BUCK-MORSS, Susan. *O flâneur, o homem sanduíche e a prostituta: a política do perambular*. Revista Espaço e Debates, n. 29, ano X, 1990, pp. 09-31.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- COSTA, Xavier. *El arquitecto como etnógrafo*. In: GAUSA, M.; DEVESA, R. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 37-40.
- DELEUZE, Guilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 01. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- DOMINGUES, Álvaro. *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne, 2009.
- GAUSA, Manuel. Tiempo dinámico/ orden (in)formal: trayectorias (in)disciplinadas. In: GAUSA, Manuel.; DEVESA, Ricardo. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: G. Gili, 2010, pp. 217-221.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PALLASMA, Juhani. *Essências*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. (org). *Florianópolis do Outro Lado do Espelho*. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.
- PORRAS-YSLA, Fernando. Interrogatorio a la disciplina. In GAUSA, Manuel.; DEVESA, Ricardo. (ed.). *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010, pp. 63-67.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- YUNES, Gilberto Sarkis. *Uma Ilha de Paisagens Culturais e Espaços Museográficos*. In: CASTELLS, Alícia ; NARDI, Letícia (org.). *Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012, pp. 123-141.